



designação:

Fábrica de cerâmica do Cavaquinho

tipologia:

Complexo Industrial

período histórico:

Idade Moderna

freguesia:

Santa Marinha

lugar:

coord. geográficas(datum 73):

-42145.5249,164007.4219,0

altitude (m):

15

carta 1/25 000:

122

dispersão dos vestígios:

Corresponde ao perímetro delimitado.

código inventário arquitectura:

código nacional de sítio:

classificação / protecção:

Inventariado

categoria de protecção proposta:

Zona Arqueológica Inventariada

situação e acessos:

As fábricas situam-se nas encostas das antigas quintas do Cavaco e de Vale de Amores, ocupando uma franja sobre o Cais do Cavaco.

espólio:

local de depósito do espólio:

trabalho realizado:

Visita

conservação:

Indeterminado

uso do solo:

Urbano

ameaças:

Construção Civil

fontes:

LEPIERRE 1899; LEÃO 1992b; LEÃO 1999a; SOEIRO et al. 1995; SILVA, A. M.; RIBEIRO 2002

breve caracterização:

Neste lugar da antiga Quinta de Vale de Amores, onde existia já um forno de cal, fundaram-se em finais do século XVIII duas fábricas associadas, uma para a produção de faiança e outra destinada ao fabrico de louça de pó-de-pedra. A primeira data de 1780 e foi estabelecida por João Bernardo Guedes, que para o efeito contratou o mestre ceramista Severino José da Silva que tinha feito escola e deixado prestígio nas Fábricas do Rato, em Lisboa, e de Massarelos, no Porto (LEÃO 1992b:52; 1999a:246ss). Em 1786, já associado com Domingos Vandelli e Diogo José de Araújo, João Bernardo Guedes lança-se à conquista de novos mercados e funda nova fábrica contígua à anterior, inaugurando no nosso País o fabrico da louça de pó-de-pedra, para concorrer com a cream-ware de produção inglesa, muito procurada à época. Até 1817 a firma teve o monopólio real do fabrico desta louça fina, granjeando reputação no mercado e acabando mesmo a fábrica do pó-de-pedra por absorver a primitiva de faiança, em finais do século XVIII. Por alturas de 1815 a empresa entrou em grave crise. Vandelli afastou-se, João Bernardo Guedes venderia pouco depois a sua quota e desapareceu de cena no início da década de 1820. Vários proprietários e arrendatários mantiveram a fábrica em laboração durante mais algumas décadas, até que em 1860 Joaquim Nunes da Cunha, industrial proprietário da antiga Fábrica Cerâmica da Fervença e que em 1862 fundou a do Cavaco, comprou o Cavaquinho, que se manteria em laboração sob sua direcção e depois através da sua viúva e filhos, até quase ao final do século XIX (SOEIRO et al. 1995:233), época em que funcionava com cerca de 30 operários e apenas um forno, segundo a descrição de Charles LEPIERRE (1899:106-107). O aspecto que o

observações:

complexo fabril apresenta actualmente, mau-grado o estado de ruína que o torna quase inacessível, deverá ter ainda grandes semelhanças com o descrito por Lepierre em 1899: "o edifício compõe-se de tres corpos proximos e a niveis diferentes" (Ibid.), podendo também observar-se uma sugestiva reconstituição gráfica da evolução das estruturas edificadas em SOEIRO et al. 1995:230.